

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Diário do Nordeste Class.: Tapéba 69
Data 20/04/93 Pg.: 12 - 1º caderno



O cacique Francisco Teixeira faz a cobrança às autoridades que prometeram

No Dia do Índio os tapebas lembram a demarcação de áreas

Há quase meio milênio do Descobrimento, os índios brasileiros continuam cobrando dos homens brancos o seu pedaço de chão, "para morar, plantar e viver", como eles mesmos dizem. Ainda depois de tanto tempo, a civilização branca tenta se apoderar do que não lhe pertence. Uma das tribos remanescentes do Ceará, os Tapebas, aproveitou o dia de ontem, dedicado ao índio, para lembrar às autoridades o cumprimento do prazo da demarcação de suas terras, em Caucaia, marcado para o dia 15 de outubro deste ano.

Identificada e delimitada desde 1988, a reserva tapeba possui 4.675 hectares, mas também muitos posseiros. Atualmente, existem no Ceará cerca de mil tapebas, divididos e organizados em 17 comunidades. Segundo o cacique da comunidade, localizada às margens da BR 222, no quilômetro sete, Francisco Alves Teixeira, 45 anos, um dos posseiros é o deputado federal Ernani Viana, além da TBA, fábrica do produtos alimentícios. "O pessoal da TBA apareceu com um documento datado de 1988, alegando que nós somos invasores. Invasores são eles. Nós estamos aqui muito antes de 1500", afirma.

Nessa situação difícil, os índios esperam uma solução do governo federal para que o problema da terra seja resolvido. Após terem perdido muitos de seus costumes e hábitos culturais, como língua e tradições religiosas, os tapebas não querem perder também a terra em que vivem e de onde tiram seu sustento. Contudo, até mesmo aí, a civilização con-

segue prejudicá-los, através de seus problemas mal resolvidos, como é o caso da cólera. Pescadores de caranguejo, como são, os tapebas estão sendo obrigados a procurar outro meio de ganhar algum dinheiro. Com a constatação da presença do vibrião colérico no rio Ceará, a venda de caranguejos caiu bastante. "De cada dez cordas que a gente pesca, só conseguimos vender quatro", diz o cacique, explicando que foi preciso diminuir o volume de pesca dos crustáceos. Sem medo nenhum da doença, Francisco afirma que toda a comunidade come o caranguejo que pesca. "Houve alguns casos de cólera por aqui, mas nós controlamos e eles já ficaram bons", conta.

Sem o principal meio de sobrevivência, os tapebas estão apelando para o que ainda sabem em termos de artesanato. E passaram a confeccionar arcos, flechas, lanças, bolsas e colares para vender. Os arcos, flechas e lanças são feitos do caule do cipó e os colares são confeccionados com sementes de pau-brasil, sabonete e flamboyant, dentre outras plantas. A venda é feita nas praias e praças. Porém, quando o cliente está realmente interessado, se dirige à própria comunidade.

Eles anunciam que, de quinta-feira a sábado desta semana, estarão na Praça José de Alencar para vender suas peças de artesanato e também apresentar seus remédios caseiros, que são xaropes feitos à base de raízes e plantas medicinais, como manjerição, jatobá, eucalipto e malva. O cacique Francisco Alves diz que eles também estão trabalhando na construção de um galpão, que servirá de sede para a escola comunitária, além das reuniões da tribo e cerimônias tradicionais.